

GINÁSTICA RÍTMICA: Estudo de caso nas escolas municipais de Três Lagoas - MS

Daniela de Oliveira Sertanejo¹, Jony Michel Coimbra Martins^{2,5}; Jerônimo Leite Araújo^{3,5}; Luís Francisco Bueno Sferra^{4,5*}

¹ Profissional de Educação Física – FITL/AEMS; ² Esp. em Drogadição – INESP, profissional de Educação Física – FITL/AEMS; ³ Esp. em Treinamento Funcional e Musculação – FMG, profissional de Educação Física – FITL/AEMS; ⁴ Profissional de Educação Física – FEA, esp. em Educação – UFMS e PUC-RJ; ⁵ Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

* autor correspondente: lf.sferra@uol.com.br

RESUMO

A ginástica rítmica e sua prática é contemplada como componente curricular na educação física, fazendo parte de sua base comum nacional. sabendo das diferentes abordagens de ensino da educação física escolar, este estudo, apresenta o resultado da pesquisa de campo desenvolvida com o objetivo de verificar como os (as) professores(as) de educação física abordam o conteúdo ginástica rítmica na sua realidade escolar., sob o olhar de professores, identificar as experiências dos professores com a ginástica rítmica; analisar os fatores que viabilizam a ginástica rítmica como conteúdo curricular nas aulas de educação física e relatar o discurso dos professores de educação física sobre a integração da ginástica rítmica no meio escolar. A pesquisa se caracteriza como pesquisa de campo, quanto a forma de abordagem em uma pesquisa qualitativa. A hipótese levantada sustentou a tese de que os professores, sentem a necessidade de cursos específicos para a essa abordagem pedagógica, pois apesar de relatarem que usam a ginástica rítmica em apresentações de danças ou até em preparo de aquecimento, para a flexibilidade. O instrumento para coleta de dados se baseia no uso de questionário estruturado com seis perguntas abertas para os professores que respondam e assim identifique, a partir de suas concepções se a ginástica rítmica influencia o ensino da educação física na escola.

PALAVRAS-CHAVE: ginástica rítmica; educação física; escola.

1 INTRODUÇÃO

A ginástica rítmica (GR) é uma modalidade que tem por intuito exercitar diferentes habilidades, como coordenação motora, percepção espacial, lateralidade, consciência corporal, postura e as qualidades físicas. Caracteriza-se por conter vários movimentos, como flexibilidade, molejo, saltos, rolamentos e balanços, dentre outros (MARTINS, 1999).

Contudo, adquire-se os movimentos por estímulos ao longo da vida, mas que podem ser aperfeiçoados por meio das intervenções dos profissionais.

O movimento é uma das primeiras manifestações da vida do ser humano e se torna essencial para a formação da sua personalidade. A princípio, os movimentos são naturais e espontâneos e, quando bem trabalhado, podem contribuir para o aprimoramento de movimentos

construídos ou ginásticos (MARTINS, 1999, p. 21).

Para Dallo (2007), o movimento deve ser formado ao longo da vida, controlado e orientados por essas evolutivas etapas de formação do homem, desse modo o uso das práticas de técnicas próprias do nosso cotidiano do meio físico e de seu entorno social, econômico e cultural contribuem para essas execuções. Respeitando etapas evolutivas do processo da coordenação motora, é possível distinguir e classificar suas habilidades corporais em modos distintos, adquiridas exatamente por condicionamento ou pela aprendizagem como ações os hábitos motores naturais.

A ginástica no processo de ensino-aprendizagem na escola, proporciona ao aluno(a) a participação e criação, a valorização em grupo, a liberdade de expressão e principalmente a vivência do lúdico (AYOUB, 1998). Martins (1999) coloca ainda outro ponto muito importante quando ressalta que a GR é pouco divulgada no ambiente escolar; assim os professores ficam presos aos modelos padronizados do esporte, por isso tão neutro nas escolas. Com a inserção da GR, a criança adquire grande desenvolvimento corporal, social e cognitivo. A GR é uma modalidade tão rica e dotada de grandes versatilidades, que contribui nas várias formas de exploração de movimentos físicos.

Buscou-se reunir dados/informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: Como os(as) professores(as) de educação física abordam o conteúdo ginástica rítmica na realidade escolar?

1.1 Ginástica rítmica

1.1.1 Um breve histórico

Segundo Gaio (1996), a ginástica rítmica nasceu na Europa Central, no século XX, através das influências de mestres, como os mestres da dança, da arte cênica, música e pedagogia a ginástica

rítmica, recebeu muitas contribuições. Dentre esses mestres citados no texto acima, o sueco Per Henrik Ling (1776-1839) é considerado o pai da ginástica, por ter criado o método de execução fundamentado na anatomia e fisiologia do corpo humano, assim contribuindo na melhoria da saúde do indivíduo. Com o trabalho do estudioso mestre Rodolf Von Laban (1879-1958) reconstruiu o estudo da coreografia.

A ginástica rítmica é identificada por utilizar aparelhos oficiais (corda, o arco, a bola, a fita e as maçãs) em seus movimentos e por executar movimentos de flexibilidade, molejo, saltar, rolar, balancear, entre outros, trabalhando a coordenação motora, a percepção espacial, a lateralidade, consciência corporal, postura e as qualidades físicas. Durante as aulas de GR, a música pode ser usada, para dar ritmo e graça aos movimentos (MARTINS, 1999).

As variações e adaptações nas aulas de educação física é necessário, pois mostra aos alunos que todos podem participar das aulas de educação física. A atividade física é para todos.

Com a utilização de aparelhos específicos, cria-se uma enorme variação de movimentos rítmicos facilmente explorados com bolas, arcos, maçãs, cordas e fitas. Atividades como rolar a bola pelo corpo e não nos pés, lançar o arco ou rolá-lo sem utilizar o “bambolear”, dançar com a corda, iniciar os pequenos círculos com as maçãs ou mesmo correr com a fita já possibilitam a vivência de uma aula rica e proveitosa em Educação Física Escolar (PRADO, 2009, p. 4 e 5).

Para Dallo (2007, p. 25): “a ginástica é um sistema de formas específicas de movimentos e de suas respectivas técnicas de execução, destinadas ao desenvolvimento físico que envolve as formas e funções corporais e as ações motoras”. Sendo assim, a GR como qualquer outro esporte, dependendo da

proposta do professor, pode proporcionar o aluno a vivenciar o lúdico, proporcionando ao mesmo tempo, a possibilidade de conhecer suas inúmeras habilidades corporais.

1.1.2 A experiência da docência e o plano de aula na disciplina da ginástica rítmica

Ao iniciar a introdução da matéria, é importante que o profissional busque conhecimentos para seu aprimoramento pessoal e novos métodos de ensino profissional, pois segundo Gaio (1996), a falta de profissionais capacitados contribui negativamente para o ensinamento para com o aluno, por isso o planejamento escolar “rico” e “comprometido” por proposta de trabalho, com objetivos, metodologia e estratégias, promove bons resultados para na compreensão do aprendizado e formação da criança. Os professores de educação física, muitas vezes, por falta de conhecimento, buscam resultados imediatos em seus trabalhos e acabam gerando limitação da participação dos alunos, comprometendo a oportunidade de uma aula prática produtiva.

Para resultados melhores nas aulas, o plano de aula da GR deve conter objetivos e características das diferentes partes da aula, pois são divididas em 4 (quatro) partes, que são (i) introdução (aquecimento, objetivo, característica), (ii) educação do movimento /formação corporal (formas básicas do movimento), (iii) aplicação e (iv) encerramento (volta à calma):

Objetivo: visa aquecer e desinibir rapidamente os alunos e despertar o interesse pela atividade. Característica: deve ser uma atividade vivificante e alegre. Utilizam-se locomoções ligeiras e dinâmicas (andar, saltitar, correr), de fácil realização, executadas em grupos, aos pares, a três etc. Formas básicas de movimento destinam se a realização de movimentos naturais como estirar, apoiar, flexionar, circundar, sentar,

deitar, elevar etc. Deve consistir, também, de exercícios de fortalecimento e de condicionamento do tronco, de braços e de pernas. Este (aplicação) é o modulo principal onde são aplicados os movimentos realizados na segunda parte da aula. Consiste na associação de dois ou mais movimentos, de jogos de movimentos de forma lúdica e de composições de movimentos, no tempo e no espaço, subordinados à música. E a volta à calma é a fase de descontração muscular que favorece a descontração nervosa. As atividades empregadas nessa parte da aula não devem ser intensas. Utilizam-se marchas lentas de relaxamento, comentários técnicos, atividades sensoriais, cantos etc. Em geral, 2 a 5 min. São suficientes (MARTINS, 1999, p. 34 e 35).

Sabe-se que é de muita importância um bom planejamento para a execução das aulas, e faz toda a diferença para os autores Martins (1999) e Gaio (1996) observa-se claramente no texto anteriormente que um plano de aula mal elaborado pelo professor pode causar limitações na participação das crianças.

É necessário enfatizar que a criança se desenvolve brincando e se divertindo com objetos no qual determinada sociedade oferece e os autores Paliello e Toledo (2010) fala que a criança inicia a fase do desenvolvimento motor brincando com objetos comuns de costume da sua cultura popular e devemos lembrar que dependendo do objetivo do professor, os movimentos podem ser realizados com ou sem os aparelhos gímnico, que serão mencionados no próximo texto, pois os movimentos favorece a utilização dos aparelhos na realização dos movimentos.

Deve lembrar que, a GR pode ser vivenciada não só com os materiais oficiais da GR, mas também podem ser substituídos por objetos improvisados pelos próprios professores e alunos, porém a vontade e a criatividade do professor contarão muito nessa substituição.

1.1.3 Aparelhos da ginástica rítmica

Vários materiais que contribuem para a execução dos movimentos são utilizados nesta modalidade, dentre os quais, destacam-se a bola, corda, fita, maçãs e o arco. A corda é material de cânhamo ou sintético, com comprimento proporcional a estatura da ginasta, extremidade com dois nós das pontas, forma diâmetro uniforme, cor pode ser natural ou tingida. A bola pode ser utilizada qualquer bola para a iniciação, sendo de borracha, até pode ser usada à criatividade das crianças e confeccionar a bola com o jornal. O arco, material de madeira e de plástico, com diâmetro interno de 80-90 cm para adultos e a cor fica a critério em deixar a cor natural ou personalizada. A fita apresenta um estilete (de madeira, bambu, plástico ou fibra de vidro, comprimento de 50-60 cm) e uma fita (cetim, tafetá ou qualquer outro tipo de material semelhante a esses citados; largura de 4-6 cm, porém as de 5 cm são as mais indicadas). As maçãs são constituídas de madeira ou plástico, comprimento de 40-50 cm de uma extremidade a outra, com peso de 150 g para cada maçã (MARTINS, 1999).

Na verdade, o uso dos materiais nas aulas de GR proporciona ao aluno aprendizado mais específico dessa modalidade. Cada aparelho possibilita trabalhar movimentos isoladamente ou em combinação com os movimentos corporais ginásticos:

Os trabalhos “isolados” de manejo (sem movimentos corporais ginásticos) faz parte do aprendizado inicial das ações motoras de cada aparelho, como por exemplo, com o aparelho “Fita”: lançar, ou executar serpentina, espiral, balanceamentos, etc. Esses e outros manejos combinados com elementos corporais ginásticos caracterizam as habilidades da GR, que executadas sucessivamente originam uma seqüência dessa modalidade. A combinação de manejos dos aparelhos e elementos corporais oferecem

inúmeras possibilidades de movimentos (elemento corporal + manejo do aparelho), como por exemplo, executar determinado 30 salto com lançamento de um aparelho, ou correr executando movimentos de espiral da Fita, entre outros. A combinação pode ser infinita, e depende, em grande parte, da criatividade do aprendiz e do professor (SCHIAVON, 2003, p. 29 e 30).

A escolha da utilização dos materiais nas aulas de GR depende da proposta de aprendizado que o professor quer desenvolver (PAOLIELLO; TOLEDO, 2010). Porém, o professor pode substituir os materiais por aparelhos adaptados e confeccionados com matéria prima de preço acessível às condições que a escola oferece e pode fornecer as aulas de educação física.

1.2 Ginástica rítmica na escola

A realidade da ginástica rítmica na escola vai além da falta ou pouco conhecimento dos professores de educação física nessa modalidade, portanto sabe-se que, outros fatores influenciam a utilização da não abordagem da GR nas aulas de educação física, por passar uma imagem de alto nível competitivo.

A ginástica artística e a ginástica rítmica são realmente modalidades de precisão que requerem ações cotidianas diferentes como as acrobacias, manejos e posições corporais diferentes das ações cotidianas. Porém, é no nível competitivo destas modalidades em que a combinação complexa de habilidades é contemplada, e se destina às pessoas que apresentam talento para estas determinadas atividades, assim 14 como o seria para qualquer outra modalidade nesse mesmo nível. A ideia de que são modalidades impossíveis de serem aprendidas por qualquer criança vem ao encontro da falta ou do pouco conhecimento dos profissionais. Este tipo de consideração feita pela mídia, ou por leigos da área da Educação Física ainda é aceitável, mas para

profissionais da área inaceitável. Isso demonstra falta de conhecimento dos professores de educação física que trabalham em escolas, pois a GA e a GR desenvolvidas em aulas de Educação Física, ou mesmo como uma iniciação esportiva, deveria ser diferente da imagem de uma ginástica impossível e “espetacular”. O processo de iniciação e a vivência dessas modalidades com o adequado tratamento pedagógico trabalha com movimentações básicas da criança, como os movimentos fundamentais locomotores, manipulativos e estabilizadores, e é totalmente possível para todas as crianças, além da ludicidade que os movimentos em si proporcionam. (SCHIAVON, 2003, p. 13).

Por exemplo, o movimento saltar, é presenciado em várias modalidades do esporte, como de exemplo é presenciado no basquete, na capoeira, no atletismo e no vôlei, dentre outros, e pode representar sensações e intenções diferentes.

Nas aulas de educação física, o movimentar pode ir além das manifestações corporais, “o esporte pode contribuir para que o aluno se torne resistente e vivencie, reflexivamente, princípios como a dignidade e a justiça, contemplando situações que fomentam a fraternidade e a solidariedade nas ações diárias da sua vida” (OLIVEIRA; PORPINO, 2010, p. 12).

O professor de educação física é visto pela sociedade, como um atleta de qualquer que é capaz de executar qualquer modalidade, que sabe executar todas com perfeição, isso faz com que ele se sinta pressionado a confessar que não sabe exercer ou aplicar determinado conteúdo da disciplina.

Sabe-se que é impossível os professores dominar com perfeição os variados fundamentos esportivos, danças etc., a ponto de executar certo movimento, porém isso não impossibilita o professor de ensinar as técnicas de ensino de determinada modalidade.

2 OBJETIVOS

Este estudo tem como objetivo investigar a abordagem dos professores de educação física em relação à ginástica rítmica em seu contexto escolar. Por meio de uma perspectiva centrada nos professores, busca-se identificar suas experiências com a ginástica rítmica, analisar os fatores que influenciam sua inclusão como conteúdo curricular nas aulas de educação física e relatar as percepções dos professores sobre a integração da ginástica rítmica no ambiente escolar

3 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo adotou uma abordagem de pesquisa de campo, enquadrando-se na categoria de pesquisa qualitativa. A hipótese subjacente sustenta que os professores sentem a necessidade de participar de cursos específicos para a abordagem pedagógica da ginástica rítmica. Embora relatem o uso da ginástica rítmica em apresentações de danças ou como parte do aquecimento para melhorar a flexibilidade, há uma percepção de que habilidades pedagógicas específicas são necessárias para sua efetiva integração no currículo de educação física.

O instrumento utilizado para a coleta de dados consistiu em um questionário estruturado com seis perguntas abertas, projetado para capturar as percepções e experiências dos professores em relação à ginástica rítmica e sua influência no ensino de educação física na escola. As perguntas abordaram uma variedade de tópicos, incluindo o uso atual da ginástica rítmica nas aulas, desafios enfrentados pelos professores ao ensinar esse conteúdo, benefícios percebidos da inclusão da ginástica rítmica no currículo, entre outros aspectos relevantes. A análise dos dados coletados foi realizada por meio de métodos qualitativos, buscando identificar padrões,

temas emergentes e insights que possam contribuir para uma compreensão mais profunda do fenômeno estudado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Realizada a coleta de dados, estes foram tabulados e analisados, conforme se segue, (i) dados pessoais (idade, ano de formação e tempo de atuação na área); (ii) experiência antes da graduação com a GR; (iii) aproximação com a GR durante a graduação; (iv) abordagem da GR durante as aulas em relação ao referencial curricular do Estado de Mato Grosso do Sul; (v) utilização da GR como instrumento mediador para se alcançar aprendizagens diversas; (vi) práticas preferidas dos alunos e (vii) motivos pelos quais a GR não figura entre as práticas mais comuns na educação física.

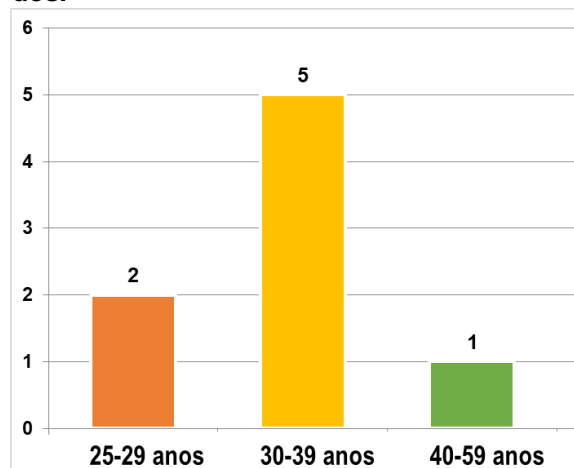
Os resultados da pesquisa e suas possíveis reflexões estão mostrados a seguir.

4.1 Idade dos professores entrevistados

O Gráfico 1 representa a idade dos participantes, dos quais cinco participantes têm de trinta a trinta e nove anos de

idade. Dois participantes têm vinte e cinco a vinte e nove anos de idade, e apenas um participante possui idade maior que quarenta anos.

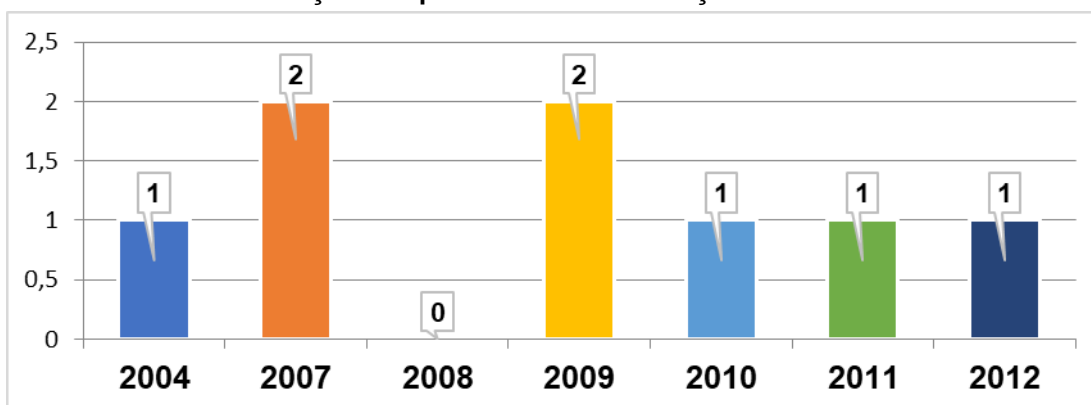
Gráfico 1. Idade dos professores entrevistados.



Fonte: Elaborado pelos autores.

O Gráfico 2, referente ao ano de formação dos professores de educação física, mostra que no ano de 2004, 2010, 2011 e 2012 apenas um professor em cada ano concluiu sua graduação e no ano de 2007 e 2009 formou-se dois professores em cada ano.

Gráfico 2. Ano de formação dos professores de educação física.

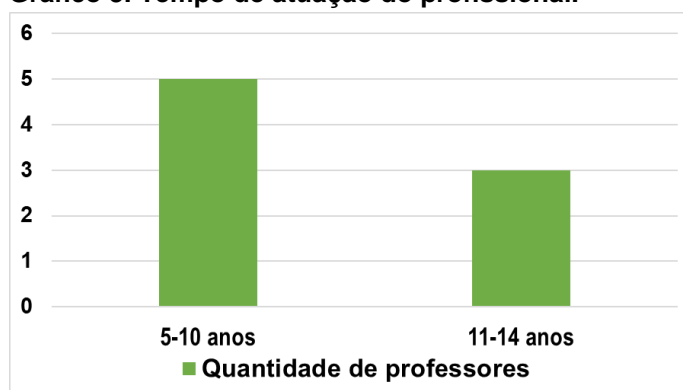


Fonte: Elaborado pelos autores.

Verificou-se que o tempo de atuação dos professores de educação física participantes da pesquisa variou de 5-14 anos. Averiguou-se então os números de professores que atuavam entre 5-10

anos e entre 11-14 anos. Observou-se que cinco professores atuavam no mercado de trabalho, entre 5-10 anos e três, entre 11-14 anos (Gráfico 3).

Gráfico 3. Tempo de atuação do profissional.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 1. O senhor/a teve alguma experiência antes da graduação com a GR? Relate.

Entrevistados	Respostas
Professor 1	Não teve contato antes da graduação.
Professor 2	Não.
Professor 3	Não.
Professor 4	Sim, quando eu estudava em escolas públicas, tivemos uma matéria.
Professor 5	Não, nunca tive. Por falta de oportunidade.
Professor 6	Não.
Professor 7	Não, nenhuma.
Professor 8	Não, só mesmo assistia.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com relação às respostas dos entrevistados no Quadro 1, constatou-se que a maioria dos professores não possuía experiência prévia com a ginástica rítmica (GR) antes de ingressar na graduação. Alguns mencionaram a ausência de oportunidades ou simplesmente não terem sido expostos a essa modalidade. No entanto, um professor relatou ter estudado GR durante sua formação em escolas públicas.

Essas respostas evidenciam que a formação acadêmica desempenhou um papel crucial como ponto de partida para os professores adquirirem conhecimentos sobre a GR. Isso ressaltou a importância de uma preparação específica durante a graduação para o ensino dessa modalidade esportiva. Averiguou-se então o nível de conhecimento sobre GR adquirido durante a graduação (Quadro 2).

Quadro 2. Durante a graduação, houve aproximações com a GR? Relate.

Entrevistados	Respostas
Professor 1	Somente nas aulas específicas, fizemos o básico.
Professor 2	Sim, aulas e atividades.
Professor 3	Sim, tive a disciplina de ginástica e algumas aulas de rítmica.
Professor 4	Na faculdade tivemos um semestre trabalhando com a matéria de GR.
Professor 5	Houve principalmente no bacharelado, onde conheci os equipamentos e alguns acessórios, como as maçãs, fitas, arco, bola e a corda da modalidade específica.
Professor 6	Sim, tive aula com a professora fulana, onde formamos grupos e montamos coreografias para apresentação.
Professor 7	Sim, acompanhei algumas apresentações nos jogos regionais.
Professor 8	Sim, tive no 4º e 5º período da graduação.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com base nas respostas dos entrevistados, observou-se que a

experiência dos professores em relação à GR era variada. Alguns tiveram apenas contato básico com a modalidade em aulas específicas, enquanto outros desfrutaram de uma abordagem mais abrangente, envolvendo aulas e atividades mais aprofundadas. Alguns mencionaram ter cursado disciplinas específicas ou semestres dedicados exclusivamente à GR durante a faculdade. Além disso,

alguns professores tiveram a oportunidade de vivenciar a prática por meio de apresentações e participação em jogos regionais (Quadro 2).

Essa diversidade de experiências pode influenciar significativamente a forma como os professores abordam e ensinam a GR em suas práticas pedagógicas (Quadro 3).

Quadro 3. Sabe-se que a GR esta contemplada no referencial curricular do Estado de Mato Grosso do Sul. Como o senhor/a aborda este conteúdo em suas aulas?

Entrevistados	Respostas:
Professor 1	Primeiramente, realiza-se apresentação de seminário e após as aulas práticas, sendo avaliado com a apresentação.
Professor 2	Aulas práticas e apresentações.
Professor 3	Trabalho de forma lúdica com as crianças.
Professor 4	Abordamos de acordo com o material de trabalho que temos e com as limitações dos alunos.
Professor 5	Abordo de maneira expositiva, explicativa, pauto na parte teórica, quanto na prática, através de atividades lúdicas ligadas a ginástica rítmica.
Professor 6	Usando as diferentes habilidades que compõem a GR, em aulas diferentes e inserindo-as em outras unidades temática ou objetos e conhecimento em que possa ser usado, como atividades de conhecimento sobre o corpo.
Professor 7	Através de atividades lúdicas que contemplam movimentos e materiais utilizados na mesma.
Professor 8	Tento trabalhar de forma mais lúdica possível.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com base nas respostas dos entrevistados mostradas no Quadro 3, identificou-se diversas abordagens utilizadas pelos professores para ensinar o conteúdo da GR em suas aulas. Algumas dessas abordagens incluíam a realização de apresentações de seminário seguidas por aulas práticas, enquanto outros enfatizavam o aspecto lúdico do ensino, incorporando atividades recreativas e jogos relacionados à GR.

Além disso, alguns professores adotavam uma abordagem mais expositiva, combinando teoria e prática, e integravam atividades lúdicas ligadas à modalidade. Também foi mencionado o uso de diferentes habilidades da GR em aulas separadas, bem como sua integração em outras unidades temáticas ou objetos de conhecimento. Essas respostas revelaram a ampla variedade de abordagens pedagógicas utilizadas pelos profes-

sores para ensinar a GR, adaptando-se aos recursos disponíveis e às limitações dos alunos, buscando tornar as aulas mais lúdicas e interativas.

A seguir, questionou-se aos entrevistados se eles utilizavam a GR como um instrumento mediador para alcançar aprendizagens além do período previsto para abordar esse conteúdo (Quadro 4).

Verificou-se que as respostas variaram, mas a maioria dos professores afirmou que sim, utilizavam a GR como uma ferramenta para abordar diferentes formas de aprendizagem. Dentre as formas mencionadas, destacaram-se o uso da GR para o alongamento, desenvolvimento da flexibilidade e outras capacidades físicas, como destreza e coordenação motora. Além disso, a GR foi mencionada como uma oportunidade para explorar o conhecimento sobre o corpo e suas habilidades físicas (Quadro 4).

Quadro 4. Além do bimestre previsto para tratar da GR o senhor/a usa esta ginastica como instrumento mediador para alcançar aprendizagens diversas?

Entrevistados	Respostas:
Professor 1	Apenas no bimestre específico.
Professor 2	Sim.
Professor 3	Sim, através de atividades que envolve correr, saltar etc.
Professor 4	Usando como meio de alongamento, flexibilidades dos alunos, fazendo com que eles tenham interesse por um esporte pouco desenvolvido nas escolas.
Professor 5	Através de tal semestre referente a ginástica, trabalho alongamento, algumas capacidades físicas, como: flexibilidade, destreza, dentre outras.
Professor 6	Sim, quando trabalho conhecimento sobre o corpo, capacidades físicas. Não necessariamente um bimestre, com o referencial temos a liberdade de trabalhar mais de um bimestre, basta apenas mudar as habilidades.
Professor 7	Sim.
Professor 8	Sim, como o correr, o pular, o saltar e a coordenação motora.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Essas respostas indicaram que os professores reconheciam o potencial da GR como uma atividade que ultrapassava o período específico do bimestre, sendo utilizada como um recurso para promover aprendizagens mais abrangentes relacionadas ao corpo, movimento e capacidades físicas. Questionou-se então aos entrevistados sobre as preferências de práticas de seus alunos (Quadro 5).

As respostas variaram, mas algumas preferências comuns foram mencionadas. Jogos e atividades lúdicas foram

citados como os favoritos por alguns alunos, evidenciando uma inclinação por atividades recreativas e divertidas. Outros alunos demonstraram preferência por esportes específicos, como futebol, vôlei e futsal (Quadro 5). Além disso, práticas como saltos e rolamentos também foram mencionadas como favoritas por alguns alunos. Essas respostas sugeriram que os alunos tinham preferências diversas em relação às atividades físicas, com alguns valorizando o aspecto lúdico e recreativo, enquanto outros preferiam a prática de esportes específicos.

Quadro 5. Quais são as práticas preferidas dos seus alunos?

Entrevistados	Respostas:
Professor 1	Os estudantes preferem jogos.
Professor 2	Aulas práticas.
Professor 3	Atividades lúdicas, circuitos motores.
Professor 4	Bambolês, fita e bola.
Professor 5	No EF1, preferem atividades lúdicas e pré-desportivas, já no EF2 preferem esportes, principalmente o futebol.
Professor 6	Vôlei e futsal. Uma vez por mês eu os deixo escolherem as atividades e geralmente as escolhas são essas.
Professor 7	Saltos e rolamentos.
Professor 8	Futebol, vôlei e jogos lúdicos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 6. O senhor/a poderia apontar motivos pelos quais a GR não figura entre as práticas mais comuns na educação física escolar?

Entrevistados:	Respostas
Professor 1	Não figura, por não ser da cultura brasileira.
Professor 2	Falta de interesse dos Educadores.
Professor 3	Poucos cursos específicos de G.R para os professores.
Professor 4	Por ser um esporte que precisa de tempo para ser executado e pelo fato de nem todos os alunos ter aptidão pelo assunto.

Continuação do Quadro 6.	
Professor 5	Creio que não é tão praticado por falta de materiais disponíveis nas unidades escolares e pelo fato de os professores de Educação Física não conseguirem desenvolver tanto tal conteúdo como a parte de esportes, por exemplo, tanto pela falta de conhecimento mais aprofundado do esporte em si como o interesse dos próprios discentes.
Professor 6	Os próprios professores não incentivam a prática, por não conhecerem e acharem que as crianças não vão gostar.
Professor 7	Pela complexidade de movimentos e tempo para desenvolvê-la.
Professor 8	Ainda acho que existem barreiras no lado masculino, sendo praticada mais por meninas.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A GR não era uma prática comum na educação física escolar. No Quadro 6, os entrevistados apresentaram algumas razões para essa realidade. Um motivo mencionado foi que a GR não fazia parte da cultura esportiva predominante no Brasil, o que acabava influenciando sua presença nas aulas de educação física. Além disso, a falta de interesse e familiaridade dos educadores com a GR também era apontada como um fator limitante.

Outro desafio mencionado era a ausência de cursos e capacitações específicas em GR para os professores de educação física. A falta de conhecimento e recursos adequados nas escolas também era citada como um obstáculo para a inclusão da GR nas práticas escolares. Além disso, a complexidade dos movimentos e a necessidade de tempo para desenvolvê-los eram apontados como dificuldades práticas.

Um aspecto adicional levantado era o fato de nem todos os alunos possuírem aptidão ou interesse pela prática da GR. Além disso, havia a percepção de que a GR era mais praticada por meninas, o que poderia criar barreiras de gênero e limitar sua inclusão na educação física escolar.

Essas respostas sugeriram que a falta de familiaridade, recursos e formação específica, juntamente com questões culturais e de gênero, contribuíam para a ausência da GR como prática comum na educação física escolar. Superar esses desafios requereria esforços

para capacitar os educadores, disponibilizar materiais adequados, promover uma abordagem inclusiva e explorar estratégias para despertar o interesse dos alunos pela GR.

Ao analisarmos as respostas dos professores entrevistados no quadro nº 01, constatou-se que mais da metade deles não teve qualquer experiência ou contato com a GR antes da graduação. No entanto, um professor mencionou ter tido a oportunidade de ter aulas de GR, e outro professor relatou apenas ter presenciado algumas apresentações em jogos. Essa situação pode ilustrar parte da falta de relação cultural com a modalidade.

As respostas afirmativas no Quadro 1 revelam claramente que a disciplina não é trabalhada pelos profissionais da área nas instituições de ensino, mesmo sendo contemplada na grade curricular. Isso é evidenciado, apesar do relato de um professor que teve vivência com a GR durante sua graduação.

De acordo com o Quadro 2, os oito professores afirmaram ter tido vivências durante a graduação com aulas práticas de GR, utilizando os equipamentos oficiais da modalidade, como maças, fitas, cordas, arcos e bolas.

Quando questionados conforme a pergunta do Quadro 3, as respostas foram relacionadas a apresentações de danças ligadas à ginástica rítmica, aulas práticas e aulas lúdicas, nas quais foram utilizadas diferentes habilidades, respeitando as limitações dos alunos.

Pode-se perceber que os professores não têm clareza no entendimento do conteúdo de GR, e consideram apenas as apresentações de dança e aulas práticas, sendo insuficiente em relação ao processo de ensino-aprendizagem de habilidades motoras. Conforme Poliello e Toledo (2010, p.173 e 174), “O processo de ensino-aprendizagem de habilidades motoras está subordinado aos estágios de aprendizagem, que poderiam ser sintetizados em: verbal-cognitivo, motor-associativo e autônomo”. Esse método respeita cada parte do desempenho no processo de aprendizagem, treinando-as separadamente para, posteriormente, unificá-las.

No Quadro 4, observou-se que os professores utilizam a GR como um instrumento mediador para trabalhar diversas aprendizagens. Especificamente, eles utilizam a GR para desenvolver capacidades físicas dos alunos, como flexibilidade, corrida, salto e coordenação motora.

Quando questionados no Quadro 5 sobre as práticas preferidas de seus alunos, os professores responderam sem dificuldades, mencionando atividades como aulas práticas com bola, como futsal e vôlei. Para os alunos do ensino infantil e fundamental anos iniciais, destacaram-se as aulas com atividades lúdicas.

Na última pergunta (Quadro 6), foram apontados os motivos pelos quais a GR não é amplamente utilizada nas aulas práticas dos professores de educação física. Alguns desses motivos incluíram a ausência de cursos específicos de GR para aprofundar o conhecimento na modalidade, o receio dos professores de que os alunos não gostem das aulas e o preconceito em relação à GR por parte dos alunos do sexo masculino, que a veem como uma prática exclusiva para o público feminino.

Esse pensamento de preconceito é destacado na afirmação de Gaio (1996),

Porém acreditamos que o preconceito cultural machista ainda limita o homem em seus movimentos, o que impede de se liberar enquanto ser que se move tanto quanto a mulher, em todas as direções e sentidos, em qualquer atividade motora, sem com isto modificar suas características masculinas (GAIO, 1996, p. 35).

Para sermos coerentes, os professores de educação física reforçam essa desigualdade de gênero feminino e masculino, tratando ambos os sexos com desigualdade, limitando o sexo feminino do sexo masculino, como estimulando os meninos a jogarem bola, e as meninas a dançar ou jogar vôlei, por exemplo.

5 CONCLUSÕES

O desenvolvimento do presente estudo nos possibilita analisar como nós, professores de educação física, abordamos a GR em nossas realidades escolares. Foi uma reflexão sobre nosso conhecimento com a GR, a integração da GR no meio escolar e os fatores que viabilizam a G.R como conteúdo curricular nas aulas de educação física.

De modo geral, apresentamos interesse em trabalhar o conteúdo da G.R em nossas aulas, porém ainda encontramos muitas dificuldades. Enfrentamos a falta de cursos profissionalizantes para aprimorar nossos conhecimentos e estarmos sempre atualizados, além de desafios em estimular o interesse dos alunos, principalmente do gênero masculino, e lidar com os recursos oferecidos pelas escolas.

A falta de tempo e de materiais oferecidos pelas escolas são obstáculos frequentes que dificultam a aplicação desse conteúdo em nossas aulas. No entanto, procuramos incluir as habilidades e a flexibilidade da G.R em apresentações de danças e brincadeiras lúdicas durante as aulas práticas. Diante de nossas falas, fica evidente que nossos objetivos estão sendo alcançados.

Dada a importância do tema, torna-se essencial o desenvolvimento de projetos que visem à formação continuada dos professores. Esses projetos podem desencadear competências e habilidades para garantir um ensino de maior qualidade, atendendo às diferentes necessidades dos alunos e efetivando uma prática pedagógica diferenciada.

Nesse sentido, a utilização de aulas lúdicas e práticas na escola nos permite mediar o processo de ensino/aprendizagem de forma mais enriquecedora, motivando os alunos a terem mais vontade de aprender e contribuir para o sucesso de suas experiências educacionais.

REFERÊNCIAS

- AYOUB, E. A ginástica geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a educação física escolar. Universidade estadual de campinas faculdade de educação física, 1998. Disponível em: <file:///C:/Users/daniela.sertanejo/Downloads/Ayoub_Eliana_D.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2019.
- DALLO. A. R. A Ginástica como Ferramenta Pedagógica. Edição Revista Corrigida. Ed. USP. São Paulo, p. 25, 2007.
- DEMOS. P. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo. Editora Atlas S.A. p.159, 2000.
- GAIO, R. Ginástica Rítmica Desportiva Popular: Uma proposta Educacional. Edição Robel. São Paulo. p.35, 1996.
- MARTINS, S. Ginástica Rítmica Desportiva: Aprendendo passo a passo. Rio de Janeiro: Shape, p. 21, 34 e 35, 1999.
- NASCIMENTO. D. M. do. Metodologia do Trabalho Científico: Teoria e Prática. Editora Fórum. Belo Horizonte. p. 132, 2008.
- OLIVEIRA, G. M; PORPINO, K. de O. Ginástica rítmica e educação física escolar: perspectivas críticas em discussão. Goiânia, 2010, p.12. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/18516/1/Kare-nine%20de%20OP.%20%20Gin%C3%A1stica%20ritmica%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o%20física%20escolar.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2019.
- OLIVEIRA, T.; MARTINS, M. O desenvolvimento da ginástica rítmica masculina no Brasil, sob um ponto de vista histórico, acadêmico e cultural. Campinas, SP: FEF/UNICAMP, 2010.
- PAOLIELLO, E.; TOLEDO, E. (Organizadoras). Possibilidades da Ginástica Rítmica. São Paulo: Phorte, p.173 e 174, 2010.
- PRADO, N. da S. A ginástica rítmica como proposta pedagógica nas aulas de educação física escolar: uma experiência em palmas – Tocantins. 2009.p.4 e 5. Disponível em: <https://www.conpef.com.br/anteriores/2009/artigoscartazes/6.pdf>. Acesso em: 01/08/2019.
- SCHIAVON, L. M. O projeto crescendo com a Ginástica: uma possibilidade na escola universidade estadual de campinas. CAMPINAS, 2003, p. 13,14 e 29,30. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275438/1/Schiavon_LauritaMarconi_M.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2019.